

NOMES VULGARES DE PLANTAS MEDICINAIS, UM PERIGO EM POTENCIAL. UM EXEMPLO QUE VEM DO EXTERIOR

Gilberto Luiz Pozetti¹

1. Farmacêutico. Professor titular (Aposentado) de Química Orgânica do Instituto de Química de Araraquara -UNESP. Coordenador da Subcomissão da Farmacopéia Homeopática Brasileira.

Membro do Conselho Municipal de Saúde – Araraquara (SP)

Em meados de 2000, um jornal belga, *Le Soir*, divulgou fato deveras alarmante, que vinha ocorrendo não só na Bélgica, mas também em outros países, tais

como França, Espanha, Reino Unido, Japão e também em Taiwan¹. O artigo do *Le Soir*, divulgado inclusive pela Internet, tratava do registro de intoxicações gra-

Infarma, v.14, nº 1/2, 2002

ves e até mesmo de mortes provocadas pelo emprego de fitoterápico preparado com planta(s) de origem chinesa. Até a data da publicação, 15 de março de 2000, haviam sido constatados e registrados vários casos de insuficiência renal em mulheres que tomaram o citado fitoterápico, com a finalidade de emagrecer.

Foi verificado que mais de 2000 mulheres apresentavam algum tipo de problema, mais ou menos grave, relacionado ao uso de cápsulas preparadas com extrato seco de planta(s) oriunda(s) da China. Supõe-se, entretanto, que mais de 10.000 pessoas foram expostas ao risco do tratamento com tal fitoterápico, sendo que era do conhecimento oficial das autoridades belgas que 110 delas apresentavam distúrbios sérios e graves, principalmente problemas renais¹.

Segundo professores e pesquisadores de universidades e hospitais universitários da Bélgica, a toxicidade de muitas ervas chinesas empregadas em preparações magistrais têm efeitos colaterais particularmente graves. A droga vegetal, que provocou alarme e despertou verdadeira celeuma naquele País e conseqüente ação imediata do Ministério da Saúde belga, é *Stephania tetrandia*, cujo extrato seco pulverizado vinha sendo receitado por numerosas clínicas e clínicos sob a forma de cápsulas gelatinosas, visando à perda de peso de seus clientes¹.

Em relação ao assunto, levantou-se a suspeita de que o citado vegetal tenha sido substituído por uma outra espécie, ou seja, por *Aristolochia fang-chi* e que tal substituição tenha sido provocada pelo nome popular ou vulgar de ambos os vegetais, isto porque a designação popular registrada em ideograma chinês, *pinyin*, é igual para ambas as espécies vegetais¹.

Entre os consumidores das tais cápsulas receitadas não só na Bélgica, mas também em outros países já citados, foram observadas – é bom que se frise – como conseqüência de seu uso, várias pessoas com insuficiência renal grave. Algumas delas foram inclusive submetidas a transplante renal, enquanto que outras estavam sobrevivendo, graças à hemodiálise, e aquelas de um terceiro grupo apresentavam câncer das vias urinárias ou mesmo tinham chegado a óbito¹.

Os problemas causados aos usuários das tais cápsulas emagrecedoras levaram à conclusão de que as lesões renais, principalmente, seriam provocadas em decorrência da presença de ácidos aristolóquicos, comuns nas inúmeras espécies do gênero *Aristolochia*, gênero este que tem número significativo de representantes na flora brasileira, muitos deles empregados como medicamentos, no tratamento de diversas moléstias, atribuindo-lhes diferentes atividades, tais como: cicatrizante, anti-séptica, diaforética, sedativa, aperiente, febrífuga, antiinflamatória, emenagoga, antidiarréica, he-

patoprotetora, antimicrobiana, diurética, estimulante do sistema imunitário, em desordens ginecológicas, etc.^{2, 3, 4, 5, 6}.

Os ácidos aristolóquicos reagiriam com o ADN¹ das células renais, daí os distúrbios verificados. Em conseqüência, provavelmente de tal reação, na Bélgica, das 110 pessoas que apresentaram problemas funcionais graves dos rins, cerca de 60% teve os mesmos completamente destruídos, tendo que recorrer à hemodiálise ou mesmo tendo sido submetidas a transplantes. Em muitos casos, a gravidade apresentada foi ainda maior, pois algumas pessoas apresentaram câncer do aparelho urinário provocado pelos ácidos aristolóquicos^{1, 3}, considerados oncogênicos^{1, 5}.

Há registros de pesquisas realizadas com animais de laboratório, sobre a ação genotóxica e cancerígena de outra espécie de *Aristolochia*, a *Aristolochia clematites*, que é também empregada em homeopatia^{5, 7, 8, 9, 10}. Os ácidos aristolóquicos que ocorrem nas Aristolochiaceas também são observados em borboletas que, no estágio larvar, se alimentam das folhas de tais espécies¹¹. A LD₅₀ dos ácidos aristolóquicos puros varia conforme se trate de cobaias machos e fêmeas, o mesmo sendo observado em relação a ratos machos ou fêmeas, conforme a administração seja por via oral ou endovenosa¹¹.

Com a finalidade de impedir o uso, principalmente dos vegetais identificados com *pinyin*, o governo belga expediu alerta sobre o assunto aos médicos prescritores e aos farmacêuticos que manipulam, assim como à população em geral, potencial consumidora de formulações à base de plantas chinesas.

Que o sucedido nos países citados sirva também de alerta aos profissionais da saúde em nosso País e às autoridades, tendo em vista, principalmente, drogas e medicamentos utilizados como emagrescentes, diuréticos, tranqüilizantes e outros mais, pois o consumo em relação a tais drogas e/ou medicamentos vem num crescendo preocupante. O que se observa é moda, e um modismo, por vezes, muito perigoso esse de esquemas terapêuticos calcados em alguns vegetais, baseando-se no lema “é natural, não faz mal”.

E mais: referindo-se, receitando-se, manipulando-se e dispensando pura e simplesmente baseados nos nomes vulgares, o perigo torna-se ainda maior. Costumamos dizer que ao passarmos de uma quadra a outra, numa mesma cidade, o vegetal muda de nome e recebe mais e mais indicações, as quais nem sempre correspondem ao seu verdadeiro valor terapêutico ou à sua atividade toxicológica, o que é raramente divulgado para os consumidores.

Fica, pois, o alerta, principalmente para as autoridades sanitárias e para aqueles que receitam ou pres-

crevem, manipulam e dispensam sem saber exatamente o que estão receitando, ou o que estão aviando. Nem sempre as receitas são corretas, quer na sua forma, quer no seu conteúdo, formulação e dosagem e cabe ao farmacêutico manter-se alerta e informado, científica e tecnicamente, sobre todas as drogas, sejam elas de que origem for, vegetais, animais, minerais ou produtos de síntese ou provenham de onde provierem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. <http://www.lesoir.be>
2. LORENZI, H. *Plantas Daninhas do Brasil*, Nova Odessa: Edição do autor, 1982.
3. DI STASI, L.C. *Plantas Medicinais da Amazônia*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1989.
4. BALBACH, A. *A Flora Nacional na Medicina Doméstica*, 11ª edição, Vol. II, São Paulo: Ed. MUP.
5. MEDICAL ECONOMICS COMPANY. *PDR for Herbal Medicines*, 1st ed; Montvale, New Jersey: Medical Economics Co., 1998.
6. CHITTY, F.O. *Algunas Plantas usadas en la Medicina Empirica Venezolana*. Caracas: Inparques, 1985.
7. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Farmacopéia Homeopática Brasileira, Parte Geral*, 2ª edição, São Paulo: Atheneu Editora, 1997.
8. GUERMONPREZ, M., PINKAS, M. & TORCK, M. *Matière Médicale Homéopathique*. Paris: Doin, ed. 1985.
9. MARTINEZ, J.A. *Pharmacopendium*. Buenos Aires: Editorial Albatros, 1979.
10. FRANCE. MINISTÈRE DE LA SANTÉ. *Pharmacopée Française*, X^e Edition, 6^e Supplément, Paris: Maisonneuve, 1989.
11. MERCK – *Index Merck*, 12 ed., White House Station, 1996.